

Estudos transdisciplinares sobre as teorias dos valores

Introdução à abordagem transdisciplinar das teorias dos valores

Gustavo Korte - 2005

I - A postura transdisciplinar na abordagem das teorias dos valores

As abordagens das teorias de valores têm geralmente correspondido a elaborações teóricas resultantes de posturas uni, pluri e multidisciplinares. A partir de uma atitude transdisciplinar impõe-se que tenhamos em vista métodos cognitivos via dos quais possamos entender a axiologia por suas raízes, seus ramos e os próprios troncos que dão sustentação ao que poderemos chamar a árvore do conhecimento.

A intuição nos leva a crer na existência de um estado de consciência que nos impulsiona à ordenação das idéias e exige um mínimo de sistematização no processo de conhecimento. Daí que, a nós, não se mostra possível entender o conhecimento afastado das idéias de *estruturas*, *sistemas* e *organismos* cuja resultante são pensamentos categorizados, ordenados e subordinados ao dinamismo das formas de pensar e das ações humanas. Esse dinamismo caracteriza os estados de consciência enquanto liga e aproxima as formas de pensar, processando-as, compatibilizando-as e permitindo sejam compreendidas como elementos de diferentes conjuntos cognitivos.

Temos observado que em cada ser vivo ocorrem manifestações de *necessidades* intelectivas, biológicas, fisiológicas e psicossomáticas. Quando falamos em *necessidades humanas* nós nos referimos às condições, ações, fatos e coisas cuja existência nos é sinalizada, tanto no campo do real materializado como no campo das realidades abstratas, como e também, o que nos parece virtual. As *necessidades* traduzem condições, fatos ou fenômenos imperativos para que o ser humano se mantenha vivo e na situação correspondente à condição própria da natureza humana.

Reconhecer nos seres uma certa *natureza* implica em *acreditar* que existem *categorias* de seres, cada qual com suas especificidades naturais. Essas especificidades são admitidas pelos estados de consciência como pré-existentes aos próprios seres.

A *categoria* em que incluímos os seres humanos é compreendida por constituição física própria de certos mamíferos pertencentes genericamente à família zoológica dos hominídeos. Identificamos nos hominídeos um conjunto de relações particulares, ou seja, de propriedades, reveladas nas condições de *pensar*, *agir*, *ter vontade* e *consciência de seus relacionamentos*.

Há uma ordem de pensadores que reconhece, nos seres humanos, uma única estrutura, fundamentada na relação essencial matéria-energia. Uma segunda corrente entende que o ser humano é um conjunto integrado por dois elementos, a saber, de um lado, o *corpo*, de natureza física, material e energética e de outro, a *alma*, de natureza abstrata, também designada por *psyché*.

Há crenças que atribuem conteúdo de verdade ao que é inspirado nas raízes do misticismo. No ocidente, as crenças integram mais um elemento e para os que perfilham tais crenças o ser humano é integrado por uma *tríade de elementos*: corpo, alma e espírito. De outra parte, com raízes no oriente, mais especificamente na cultura védica, subsistem crenças que identificam o ser humano como integrado por *corpo, alma, espírito e mente*.

Sentimos, desde logo, a impossibilidade de excluir desta abordagem as idéias de alma, espírito e mente, pois o avanço na rotas do conhecimento depende também das categorias de formas de pensar que transcendem a realidade material manifestada nos corpos, nos objetos e na aparente materialidade das coisas que nos chegam pelos sentidos. Impõe-se à atitude transdisciplinar também a abordagem metafísica de tudo que designamos matéria. Embora, aparentemente, por esse entendimento, estejamos nos afastando dos rigores do conhecimento científico.

Todavia, esse suposto desvio não pode ser considerado impertinente pois o que designamos como *processos de conhecimento decorrentes da racionalidade científica* e da *evolução das teorias científicas* são fenômenos intelectivos condicionados a fatores históricos, cuja avaliação procura sempre transcender os fatos no eixo dos tempos.

O professor Nelson da Costa nos parece confiável quando repete o que afirmam tantos outros filósofos, ou seja,

...a ciência se desenvolve dentro de balizamentos metafísicos, sem os quais careceria, por assim dizer, de sentido.

Com a adoção de postulados metafísicos as formas de pensar que dão consistência ao conhecimento científico ajustam-se a estruturas, sistemas e organismos fundados, dentre outros, no racionalismo e no empirismo. O que significa dizer que, partindo do *misticismo metafísico* as ciências recorrem ao *racionalismo*, ao *autoritarismo*, ao *empirismo*, ao *ceticismo* e ao pragmatismo como caminhos necessários para que as estruturas do conhecimento sejam entre si compatíveis, articuladas e possam tornar-se objeto da comunicação objetiva que serve a outros pensadores.

Situar essas diferentes linhas de pensar é a primeira das dificuldades com que nos defrontamos. As diferentes correntes de pensamentos sistematizados que dão apoio ao que designamos *pensamento científico*, tenham sido ordenados e assimilados a partir de pontos de vista uni, pluri ou

multidisciplinares mesmo quando não restritos a uma ou mais disciplinas induzem a entender por teoria da ciência o conjunto de idéias, formas de pensar, dados e informações que tem por objeto a *idéia de verdade*.

Ao abordar os elementos a partir dos quais se constitui o conhecimento científico, no mesmo trabalho, Nelson da Costa afirma:

... Nas várias ciências procura-se algum tipo de verdade. Todavia, desde que há diversas concepções de verdade (verdade como correspondência, verdade pragmática e verdade como coerência) ,torna-se preciso ponderar cuidadosamente qual concepção que se encontra, licitamente, nos alicerces das variegadas ciências^[1] .

Outra dificuldade surge diante da realidade dinâmica em que entendemos a Natureza: tudo muda a casa instante.

De fato, a visão moderna baseada na física quântica nos leva a crer que a realidade sensível só pode ser reconhecida e percebida como uma *possibilidade de existência* na ininterrupta e sucessiva mutabilidade de todos os elementos que a integram.

Na medida em que o que *acreditamos ser verdadeiro* deve corresponder ao que *supomos ser realidade* numa relação *espaço-tempo*, só pode ser considerado *verdade* o que é dinâmico e mutável. E isso nos leva a admitir que o que designamos conhecimento científico baseado nas percepções empíricas é sempre conhecimento do que já foi, do que já deixou de ser. Como entendeu Bérson, o conhecimento científico é sempre um conhecimento retrógrado

... As coisas e os acontecimentos se produzem em momentos determinados: o juízo que constata a aparição da coisa ou do acontecimento não pode ocorrer senão depois deles: ele tem, então, sua data. Mas essa data se desfaz prontamente, em virtude do princípio, ancorado em nossa inteligência, que toda verdade é eterna. Se o juízo é verdadeiro no presente, parece-nos que ele deva tê-lo sido sempre. Ele poderia ainda não ter sido formulado: existiria, de direito, antes de ser formulado de fato. A toda afirmação verdadeira nós atribuímos, assim, um efeito retroativo; ou, mais exatamente, nós lhe imprimimos um movimento retrógrado. Como se um juízo pudesse preexistir aos termos que o compõem!^[2]

A transdisciplinaridade não é um campo de conhecimento, nem é, em si mesma, uma disciplina, pois a postura intelectual transdisciplinar se revela por uma *probabilidade de assimilação que leva à possibilidade do conhecimento*.

A partir do momento em que se adota essa postura, procurando projetá-la em formulações estáticas, os movimentos do pensamento se revelam por ações enraizadas em atitudes pelas quais agimos, procurando transcender o que nos é revelado pelas disciplinas e pelos campos de conhecimento.

O que reconhecemos como *verdade possível*, a partir da postura transdisciplinar, não está sujeito a comprovações em campos específicos do conhecimento, mas é decodificada a partir de sinais que emanam das mais diversas disciplinas. Tais sinais servem como *elementos geradores de idéias, linhas e formas de pensar* que são processadas em *diferentes estados de*

^[1] COSTA, Nelson da. *O conhecimento científico*. São Paulo: Ed. FAPESP,1997, p. 18.

^[2] BERGSON, Henri. *La pensée et le mouvant*. Paris: Pléiade, 1963,p. 1263.

consciência e, transcendendo as disciplinas e os respectivos campos específicos de conhecimento, sugerem interligações entre *distintos níveis de realidade*.

A integração dos processos cognitivos de sensação, decodificação e percepção dá contornos ao *estado de consciência* e ao *nível de realidade* dominante. No imaginário conjunto integrado por *estado de consciência* e *nível de realidade* são formadas as crenças condutoras para aceitar como verdadeiro o juízo quando este identifica e reproduz o fenômeno integrado por elementos tidos como necessários e suficientes.

Ao tratar da ciência como objeto do processo de conhecimento e dos valores a que o processo intelectual está subordinado, Hugh Lacey se reporta ao conflito entre os que acreditam e os que desacreditam ser possível uma ciência livre de valores. São suas as seguintes palavras:

... A neutralidade é uma entre várias teses que, em seu conjunto, constituem a idéia de que a ciência é livre de valores... A neutralidade é uma tese sobre as conseqüências das teorias científicas. Numa primeira aproximação, e segundo uma de suas possíveis interpretações ...a neutralidade afirma que uma teoria poderia ser aplicada, em princípio, a práticas pertinentes a qualquer perspectiva de valor e não serve de modo especial aos interesses de nenhuma perspectiva de valor particular. A imparcialidade é uma tese sobre as razões epistêmicas ou cognitivas para aceitar ou rejeitar teorias. Afirma que escolhemos adequadamente teorias com base apenas no cumprimento de certos valores cognitivos, mediante os quais fica estabelecido que uma teoria aceitável exibe certas relações com os dados empíricos disponíveis e com as demais teorias... De acordo com a imparcialidade, as relações que uma teoria mantém com qualquer perspectiva de valor são irrelevantes para sua legítima aceitação..... Em parte o conflito estabelece-se em torno da natureza do entendimento científico e a questão de se o entendimento científico é o único entendimento racional do mundo ou se é apenas uma entre muitas formas de entendimento...^{3[3]}

Sentimos uma certa dificuldade em distinguir as ações de *compreender*, *entender* e *conhecer*. Faz-se necessária a evocação da memória para clarear tais diferenças.

Para Spinoza^{4[4]}, de quem recebemos o significado de *intellectus* traduzido por *entendimento*, este corresponde a uma *faculdade de conhecimento* que pode ser exercida em quatro graus, também designados *modos de percepção*:

- a) segundo o que se diz ou se comunica, conforme algum sinal ou conjunto de sinais (linguagem) eleito arbitrariamente;
- b) pela experiência (vivência) genérica;
- c) pela apreensão da essência de uma coisa a partir da essência de outra coisa e
- d) pela percepção da causa próxima geradora da essência da coisa em si mesma.

Para Locke^{5[5]} o conhecimento só pode encontrar suporte no que é sensível e nos processos de reflexão daí resultantes. Por isso esse pensador

^{3[3]} LACEY, Hugh. *Valores e atividade científica*. São Paulo: FAPESP, 1998, p.14 e15.

^{4[4]} SPINOZA, Baruch. *Tractatus de intellectus emendatione*.

^{5[5]} John Locke, (1632-1704), autor do *Ensaio sobre o entendimento humano*. Identificava a fonte do conhecimento humano na experiência, ou seja, nas sensações e nas reflexões. Opunha-se ao reconhecimento das idéias inatas.

inglês é considerado uma das colunas que dão suporte à filosofia empírica (empirismo). Locke designa *entendimento* (*understanding*) toda *faculdade de conhecimento*, em seus diversos modos. É o *entendimento* que coloca o homem acima das demais coisas e dos outros seres sensíveis. Os objetos do entendimento são as idéias, tanto decorrentes das sensações como das reflexões. Todavia Locke não deixa claro se o significado de *understanding* é uma potencialidade que se revela no poder de receber e assimilar idéias já existentes ou que o entendimento é a faculdade de juntar, ajustar, combinar, articular e gerar idéias.]

Berkeley^{6[6]}, explicita que o entendimento não é diferente das percepções particulares (idéias). Para Berkeley o entendimento e a vontade estão incluídos no espírito, em que identifica tudo que é ativo. Assim, o entendimento é algo que transcende a matéria, de natureza espiritual.

2 – A servidão natural, a vontade e os caminhos do conhecimento

Os seres vivos, para que se mantenham vivos e como tais sejam considerados ficam sujeitos, por servidão natural, a um mínimo de exigências de cuja satisfação depende o nível de ajustamento, acomodação, sobrevivência e reprodução.

Reconhecer em algum ser a natureza humana implica em poder evidenciar-lhe o corpo, perceber-lhe a alma e intuir-lhe o espírito. Dessa integração resulta um ser individualizado em condições de pensar, agir, ter vontade e poder mental que o leva a estados de consciência de sua relação com os demais elementos do universo. Isso significa dizer que só o conhecimento singular e exclusivo ou do corpo, ou da alma ou do espírito não é basta para tornar o ser humano conhecido.

Entendemos que os seres humanos, como os demais seres, para que se mantenham vivos e como tais sejam considerados, sujeitam-se, por *servidão natural e involuntária* à natureza que lhes é própria. Essa natureza deve ser satisfeita em um mínimo de exigências referentes às condições de sobrevivência genéricas e específicas para todos os seres enquanto são mantidos vivos.

Da mesma forma, respondendo à natureza de seres pensantes, o ser humano enquanto pensa está sujeito a condições mínimas, também naturais e involuntárias, para que as idéias possam ser processadas e, uma vez cristalizadas em *formas de pensar*, sejam desenvolvidas na aquisição do que designamos conhecimento.

As exigências contidas nos processos de conhecimentos são determinadas pela vontade. A vontade aplicada nos campos do intelecto age com direção, intensidade, sentido e duração. Por isso, desde logo consideramos a vontade uma grandeza vetorial.

Entender a vontade de que resulta a ação equivale a traçar um esboço da sua linha de ação, ou seja, da direção, do sentido em que atua, do sujeito ao

^{6[6]} George Berkeley (1684-1753), filósofo irlandês, faz a crítica do empirismo pela afirmação do conhecimento em relação ao que transcende a matéria. conhecimento

objeto ou do objeto para o sujeito, das características que provoca nos campos eletromagnéticos, tais como extensão do deslocamento, a velocidade, a intensidade, os efeitos gerados ou causados em outros seres, entidades ou campos de propagação.

A vontade de conhecer sugere, desde logo, a idéia de caminhos do conhecimento a serem percorridos. A palavra grega *μεθοδος* gerou, em português o vocábulo *método*. Em grego, significa *caminho, trajetória, percurso*. Ao traçar trajetórias para alcançar o que supomos conhecimento sentimos, desde logo, a necessidade de esclarecer quais os caminhos a temos a intenção de percorrer, que nos parecem os mais adequados para chegarmos ao que nos propomos. Ao estudar as possibilidades oferecidas pela postura transdisciplinar elegemos oito métodos^{7[7]}, ou seja, oito diferentes caminhos que, necessariamente, terão de ser percorridos: o *misticismo*, o *autoritarismo*, o *racionalismo*, o *empirismo*, o *pragmatismo*, o *ceticismo*, a *amorosidade* e o *intuicionismo*.

3 - A transdisciplinaridade e a metodologia

A transdisciplinaridade não é, em si mesma, um campo de conhecimento e, menos ainda, uma disciplina. Ela se reflete nas atitudes e posturas, sem linguagem própria, sem objetivos próprios, sugerindo caminhos para o conhecimento.

As atitudes e posturas transdisciplinares decorrem, desde a recente nomenclatura pela qual são designadas, de quatro postulados:

1 – *tudo é complexo;*

2 – *existem diferentes níveis de realidade;*

3 – *em todas as relações há sempre um outro incluído ou excluído e*

4 – *existe o Sagrado.*

Há uma suposição inicial de que, a partir de postulados, pode-se desenvolver e ampliar o nível das informações, das ciências e porque não, do conhecimento.

Todavia, na medida em que os postulados são proposições não universalmente admitidas, isto é, que não são evidentes em si mesmas, eles não podem ser considerados nem axiomas e nem ser tomados como base de uma demonstração, ou como premissas, pois, como estas não têm alcance universal. Os postulados têm caráter fundamental na formação de formas e sistemas de pensar, porém não são evidentes em si mesmos e, por essa razão, não podem ser considerados como axiomas. Distinguem-se dos teoremas porque não são passíveis de demonstração. Quando admitimos o desenvolvimento de uma discussão científica fundamentada em postulados leva-se em conta a possibilidade de que os postulados que dão fundamento aos argumentos sejam demonstráveis em outros campos de conhecimento ou em outras oportunidades. Pelas mesmas razões, é imperativo, numa atitude cética, aceitar a possibilidade

^{7[7]} Vide *Publicações*, KORTE, Gustavo. *Metodologia e transdisciplinaridade*. Site www.gustavokorte.com.br - acesso e *down load* gratuito.

de que sejam reformulados, alterados ou negados em algum outro lugar ou oportunidade.

... Na filosofia moderna entende-se geralmente por postulado uma proposição não imediatamente exigível nem demonstrável, mas que, não obstante, se admite como indispensável ^{8[8]}.

Postulado é, portanto, uma *proposição admitida pelos interlocutores como verdade possível*. Kant, considera como postulados, nesta acepção, a liberdade de vontade, a imortalidade da alma e a existência de Deus.

As proposições e juízos que resultam tão somente de postulados, e não de axiomas ou teoremas, não podem ser consideradas conhecimento científico na medida em que *para a certeza autêntica requer-se a evidência do objeto, a qual não pode ser substituída por postulados ininteligíveis* ^{9[9]}.

Por isso que a transdisciplinaridade não deve ser considerada nem como ciência nem como disciplina. Todavia, entendemos possa ser considerada como *uma postura da qual resulta a atitude* a ser sustentada nos caminhos do conhecimento.

E em se tratando de caminhos do conhecimento a serem percorridos com a atenção, postura e atitude transdisciplinar torna-se própria a opção por métodos que, na medida em que podem servir aos campos de conhecimento específicos, nos propiciem a oportunidade de transcender os conhecimentos uni, multi e pluridisciplinares.

Recebendo os efeitos da visão transdisciplinar, numa fase inicial, centramos nossos estudos em seis métodos filosóficos, supostamente transdisciplinares, a saber: o misticismo, o autoritarismo, o racionalismo, o empirismo, o pragmatismo e o ceticismo. A evolução dos pensamentos nos levou a acrescentar a esse conjunto dois outros recursos metodológicos, que nos pareceram imperativos, ou seja, a amorosidade e a intuição.

Como resultante, nossas considerações levam à afirmação de que a metodologia transdisciplinar se revela produtiva e eficiente na medida em que todos esses oito métodos sejam utilizados, sistematicamente, como formas indispensáveis de admissão e integração dos conhecimentos em torno de um mesmo tema. Por isso que o que designamos por *metodologia transdisciplinar* serve à atitude transdisciplinar, encontra justificção em toda e qualquer abordagem de ciências, disciplinas e campos do saber .

4 - O estímulo contido no pragmatismo

De alguma forma, somos *impelidos* ao conhecimento. Cabe-nos questionar se essa força decorre de uma relação ontológica, deontológica ou teleológica cuja existência decorre das relações entre o ser pensante e o seu contexto.

Isto é, queremos entender se o *impulso* que leva ao conhecimento responde a uma relação ontológica, gerado em uma característica genética dos seres humanos, específica e particular dessa espécie do gênero *homo* ou da

^{8[8]} BRÜGGER, W. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Herder, 1969.

^{9[9]} Apud, Brügger, citando De Vries, Hugo. (1848-1935), botânico holandês, que por seus trabalhos em genética teve grande influência no desenvolvimento e na aplicação do conceito da mutação genética como uma agente na evolução dos seres vivos.

espécie *sapiens*. Também importa saber se o mesmo impulso para o conhecimento responde também a características genéticas de outros seres, animados ou inanimados. Impõe-se nos saber se decorre de uma relação deontológica, ou seja, se esse impulso decorre da *vontade de outro* ou *outros* seres, hierarquicamente mais potencializados que os humanos, cuja existência antecede e se sobrepõe, no ordenamento natural e na seqüência cronológica, à natureza humana. Pode ocorrer como consequência de seres existentes no macro ou micro cosmos?

De outro lado, em face do tempo, interessa saber se as causas geradoras dos processos de conhecimento respondem a uma razão *futura*, em que está contida uma suposta *utilidade do conhecimento* para os indivíduos, para as coletividades, para a espécie ou para todo o Universo, ou é simples consequência de fenômenos passados, imediatos, próximos ou remotos.

Dizemos que há um *sistema* ou *organismo* vivo quando, diante de certos estímulos, surgem respostas entre si *compatíveis, convenientes e oportunas*. Em verdade, parece-nos que a característica essencial dos seres vivos é estratificada e estruturada na *potencialidade* do que dispõem para responder, *enquanto vivos*, às provocações que lhes são feitas. Os estímulos a que nos referimos correspondem, de algum modo, a essas provocações.

Há estímulos concretos e estímulos abstratos. Existem estímulos que provocam respostas no corpo (*physis*), na alma (*psyché*) e, - por que não? - também no que designamos espírito (*spiritus*).

Conceituar *corpo*, alma e *espírito* será objeto de um capítulo especial, pois visamos elaborar formas de pensar a partir de idéias reconhecíveis, que sirvam a uma postura transdisciplinar coerente, compatível e não contraditória em nenhum de seus termos e momentos. .

O procedimento conceitual nos leva a supor a relação *estímulo-resposta* como *implicada*, imperativamente, na idéia de *vida*. Todavia, essa imperatividade, *a priori*, não se evidencia como suficiente para delimitar os fenômenos biológicos, porque também fenômenos químicos e físicos respondem positivamente à relação estímulo-resposta. Ou há que dar contornos mais nítidos à expressão *estímulo-resposta* ou há que descobrir uma relação mais precisa, cuja manifestação seja por si mesma necessária e suficiente para o reconhecimento do fenômeno vida.

Nos estudos desenvolvidos tanto em filosofia, biologia, sociologia e, desde seu início enquanto campo do conhecimento, especialmente na psicologia e na psiquiatria, a relação estímulo-resposta foi abordada de maneiras muito diversificadas, a partir das quais foram sistematizados conhecimentos geradores de várias teorias e escolas de pensamento. Inicialmente vale recorrer a algum dicionário filosófico.

Estímulo. Ação física que colocam em jogo as reações de um ser vivo. Diz-se, particularmente, que os estímulos são fenômenos físicos que provocam ações nos órgãos

sensoriais^{10[10]}. Estimulante. Termo usado na medicina, principalmente referindo-se a drogas que estimulam o sistema nervoso central. Estes compostos tem sido usados para incrementar o estado de atenção e de eficiência, contra agindo contra a depressão, e para estimular a respiração em alguns casos de envenenamento... Os estimulantes são usados para agir contra doses exageradas de barbitúricos e substâncias depressivas semelhantes chamadas analépticas^{11[11]}.

O significado do verbete *estímulo* fica bem delineado quando abordamos os campos da psicologia da aprendizagem, onde se verifica empiricamente que a resposta aos estímulos leva, por extensão, à compreensão dos princípios da causalidade e da casualidade.

A cultura ocidental nos leva a supor que o *princípio da causalidade* deve nortear as observações científicas. Todavia, a observação dos fenômenos em que ocorre a relação estímulo resposta sugere outra conclusão, mais acentuada nos aproveitamentos da física quântica.

Tomando a imitação como um dos possíveis estímulos de que resultam respostas comportamentais, foram desenvolvidos estudos com animais superiores (primatas e antropóides) a partir dos quais pode ser verificado que depois de um certo número de ensaios o animal manipula as lingüetas de uma fechadura, os fechos e aos cordões sem errar e num tempo tão curto quanto possível. Ou seja, procedendo de forma *casual*, por tentativa e erro, embora na intenção de livrar-se da prisão, o animal assimilou uma *relação causal*. Em várias experiências, o animal depois de tentar e falhar algumas vezes, conseguiu manusear o ferrolho de forma a abrir a portinhola. Imitando as manobras bem sucedidas, o animal passou a repeti-las a cada vez que era engaiolado. Ou seja, diante do mesmo estímulo (vontade de sair da gaiola) o animal respondeu manobrando o fecho e conseguindo a liberdade. Esse resultado, antecedido por inúmeras tentativas e erros formuladas por um macaco aprisionado em uma pequena caixa com grade, porta e ferrolho, levou o animal a *aprender* a libertar-se.

Essas experiências nos induzem a acreditar que, a partir de *tentativas casuais* que levam a um resultado satisfatório que se repete em condições semelhantes, a *relação estímulo-resposta* surge como *modelo*, como *forma de pensar* que resolve problemas em determinadas contingências: reconhecido como *causa final*, se corresponder ao *resultado intentado*, como *causa instrumental* o procedimento que leva ao resultado, e como *causa deontológica*, a *vontade* (ou razão) imperativa determinante da ocorrência.

Portanto, é materialização da expressão *estímulo-resposta* o fenômeno que concretiza a relação abstrata, contida no enunciado. Também assim a própria *relação*, quando *expressão abstrata* dos fenômenos similares.

Observa-se que há estímulos condicionados e incondicionados e estímulos condicionantes e não condicionantes. Há também condicionamentos

^{10[10]} LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: Quadrige/PUF, 4.ª ed., 1997. (Tradução do A.)

^{11[11]} Apud. *Encyclopedia International*. New York: Grolier Inc., 1969.

retrógrados, presentes e futuros. Muitos fenômenos comportamentais são estudados com fundamento nas relações estímulo-resposta: assim ocorre com reflexos, estudados no mesmo grupo de fenômenos, quer como reflexos condicionais, (experiências de salivação, condicionamentos defensivos, respostas recompensadas, respostas voluntárias e involuntárias, condicionamentos instrumentais, reforços de condicionamentos, direcionamento dos reflexos, condicionamentos negativos, relações entre reflexos condicionados e incondicionados, etc.), quer na diferenciação dos estímulos, quer como outros condicionamentos. Além da aprendizagem com sentido empírico, são incluídos como objeto da abordagem das relações estímulo-resposta as formas de aquisição das habilidades, tanto artesanais, artísticas, intelectivas e ocupacionais.

O fenômeno materializado corresponde ao manuseio do ferrolho pelo animal, mais ou menos ao acaso, e o sucesso ao abrir a portinhola. A imitação dos movimentos de que resultou, nas primeiras tentativas, a abertura da portinhola toma-se regra para o sucesso da ação. A relação estímulo-resposta é aprendida, memorizada e repetida. Ou seja, na experiência descrita, o fenômeno pode ser resumido na seqüência dificuldade > vontade de superação > evocação da memória > ação resolutiva.

Muitas vezes, as ações humanas que levam a abordagens do conhecimento trazem resultados *julgados* satisfatórios. A partir desses resultados, as relações passam a identificar estímulos geradores que incitam, por *imitação*, a repetição de ações semelhantes. Não é difícil concluir que, muitas vezes, *agimos por imitação a resultados anteriores*, visitando *imitar* as respostas casualmente assimiladas a partir de experiências e vivências anteriores. O *mimetismo* integra muitos de nossos comportamentos.

Pode-se observar, com certa acuidade empírica, os fenômenos de *aprendizagem por imitação*^{12[12]}, que servem como estímulo a determinados níveis de assimilação, em estudos e experiências com macacos e outros animais superiores.

O método de ensaio e erro é muitas vezes chamado de método de exercício, destinado ao treinamento(formação), método que se serve de demonstração, de instrução e de aprendizagem e graças ao qual aprende-se os princípios dos a efetuar.^{13[13]}..

A aprendizagem exige uma diferenciação dos estímulos. A importância relativa de nossos sentidos para a formação de hábitos apresenta um, problema de interesse particular. Como todos sabem a aprendizagem verbal praticamente não existe nos indivíduos surdos e cegos, a menos que não seja um caso semelhante como o de Hellen Keller, em quem o senso tátil desempenhou o papel da visão e da audição. Quanto á aquisição de hábitos motores, não se vê, no que lhes concerne, essa dependência de um gênero particular de excitações. Os cegos se deslocam graças à audição e ao tato, mas a visão, bem entendido, poderia ter facilitado sua aprendizagem. Nós já falamos de seu modo de evitar os obstáculos que eles não vêem. O homem que vê e a quem se tapam os olhos, aprende, ele também, a evitar os obstáculos, auxiliado por sua audição. Da mesma forma uma pessoa surda pode aprender a reagir a

^{12[12]} No texto de um escrito gnóstico do século I (Pistis Sophia), sem autor identificado, mas atribuído a Valentino, a idéia do *errar das almas* (pecado) decorre do *destino*, a que somos submetidos em certos limites, que de alguma forma corresponde à *causalidade indesviável* ou pelas nossas ações, estimuladas pelo *espírito de imitação*, quando aprendidas *casualmente*.

^{13[13]} MUNN, Norman. *Traité de psychologie*. Paris: Payot,1956. p. 144 (Tradução do A.).

situações dadas passando do sentido que lhe falta e servindo-se da visão (leitura sobre os lábios) e de seu tato (as frequências e as intensidades das vibrações são percebidas pela ponta dos dedos^{14[14]}.

O processo de conhecimento em que se propagam os pensamentos suscita analogias como elementos integrantes das associações de idéias. Assim, pode-se observar que o significado da expressão *estímulo-resposta* tem conexão e analogia com outras formas de pensar tais como *causa-efeito*, *antecedente-conseqüente*, *anterior-posterior*, *superior-inferior*, *central e excêntrico* e *primeiro-último*. Visando uma atitude que transcenda as informações uni, multi ou pluridisciplinares ocorre-nos ser imperativo procurar entender o significado da relação *estímulo-resposta*, bem como as implicações dela decorrentes.

Parece-nos consensual que tudo é relativo. Todavia, essa relatividade não é válida ou evidente em todos os *níveis de realidade*. Como exemplo: podemos dizer que os *níveis de realidade* são subordinados a determinados *estados de consciência*. Portanto, quer nos parecer que só temos condições de ter conhecimento dos *níveis de realidade* que se mostrem *compatíveis* com os *estados de consciência*. *Compatibilidade* decorre de uma relação de *possibilidade de existência*. É de concluir-se que a *compatibilidade é sempre relativa*.

Entender válida a *relatividade da existência* só tem sentido diante da *possibilidade de existência absoluta*. Afirmar a relatividade das coisas só é possível a partir da possibilidade de existência de um referencial, absoluto em si mesmo, constituído por seres, ideais, coisas ou entidades.

Afirmava Einstein que *Deus é o menos relativo de todos os seres*. A possibilidade de existência do *relativo* e do *absoluto em si mesmo* nos leva também a entender que *nem tudo é relativo e nem tudo é absoluto em si mesmo*. Ou seja, a existência absoluta se consubstancia na idéia do que é e enquanto é *uno* no tempo e no espaço. A idéia do que é absoluto decorre a idéia do universal, total e não fragmentado.

O *ser relativo* implica na idéia de *existências fragmentadas*, pois o ser referencial e o ser referenciado são fragmentos de um mesmo ser, diferenciados *um do outro*, mas, ao mesmo tempo, contidos num *outro ser*.

5 – O conhecimento fragmentado

Questões abstratas, cristalizadas em formas de pensar, funcionam como estímulos nos processos de pensamento. São estímulos de natureza cognitiva que suscitam respostas quanto às formas de vida, às estruturas, aos sistemas e aos organismos que existem ou podem existir. Antes da materialização da existência essas respostas pertencem ao imaginário, e mesmo assim, podem ser tão verdadeiras como o que já foi, é ou será materializado.

^{14[14]} MUNN, Norman. Idem, p. 161

O conhecimento age como estímulo essencial nas reflexões. Para outros, o amor estimula a preservação da Natureza nas combinações em que se encontra, na perpetuação das espécies, na conservação do que existe. Na literatura, o significado de *estímulo* faz referência aos *aguihões* usados nas torturas, visando, pelo sofrimento, provocar confissões e arrependimento ou o sadismo dos torturadores. Também há referências às esporas dos cavaleiros que excitam respostas condicionadas nos animais. Contrariamente, com significados opostos, há estímulos que levam ao prazer, à alegria, ao desenvolvimento material, psíquico e espiritual.

A transdisciplinaridade traz em seu interior uma *postura fragmentária* que, todavia, *aspira a percepção da unidade*. Os procedimentos transdisciplinares sugerem que, mediante a repetição de certos estímulos, reais ou imaginários, corpo, alma e mente – sem excluir a possibilidade de que o mesmo ocorra em relação ao espírito - respondem com movimentos e reações próprias e específicas, não suficientemente esclarecidas uni, inter, pluri ou multidisciplinarmente.

A transdisciplinaridade faz supor, também, que o conhecimento só se torna plenamente acessível por caminhos que transcendem, não só as disciplinas, mas também os diferentes *níveis de realidade* em que elas são abordadas.

Sabe-se que as respostas aos estímulos cognitivos podem ter origem fragmentária em elementos ou conjuntos que integram estruturas, sistemas e órgãos. Porém, observa-se que só poderão ser entendidas tendo em vista as *suas complexidades*, os *níveis de realidade* em que são conscientizadas, a *presença do outro* (incluído ou excluído) e a *existência do Sagrado*.

Por essas respostas, o ser vivo é possível de ser revelado e conhecido na individualidade e no coletivo, mas, de fato, no mais das vezes, como *projeção do Todo ou de parte dele*.

A experiência sugere que há estímulos pelos quais podem ser identificados não só o nível de vida dos seres humanos, mas também as estruturas individuais e coletivas em que os seres humanos se organizam, sobrevivem e morrem. Mediante a relação estímulo-resposta, torna-se, muitas vezes, viável a identificação de estruturas, sistemas e organismos pelos quais são integrados os campos de conhecimento em que coexistem e se comunicam os indivíduos e as coletividades.

Pode-se reconhecer, mediante a ação de certos estímulos, o que é particular e o que é geral, tanto nos indivíduos como nas coletividades. Por meio da relação estímulo-resposta pode-se chegar, por vezes, à identificação de movimentos do corpo, da alma e da mente, talvez até mesmo do espírito^{15[15]},

^{15[15]} DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. São Paulo:Ed. Pensamento,1995

tanto como reações estereotipadas dos sistemas e órgãos que integram, dinamicamente, os sistemas vivos.

6 - Postulados e não premissas

É consensual que a postura transdisciplinar é entendida a partir de quatro postulados:

- 1) tudo é complexo;
- 2) existem vários níveis de realidade;
- 3) em todas as relações há sempre um outro, excluído ou incluído e
- 4) existe o Sagrado.

Objetivando uma estrutura consensual à abordagem transdisciplinar foram enumerados esses postulados, ou seja, as formas de pensar indemonstráveis, cuja suposta eficácia não é nem objeto de discussão, nem de comprovação e nem de demonstração.

Segundo J. Ferráter Mora^{16[16]},

... Aristóteles considerava os postulados como proposições não universalmente admitidas, isto é, que não são evidentes em si mesmas. Diante disso os postulados se distinguem dos axiomas, mas também se diferenciam de certas proposições que se toma como base de uma demonstração, ou seja, das premissas, embora estas, estas em si mesmas, também não tenham alcance universal. Nos Elementos, de Euclides, a noção do postulado recebeu uma formulação que foi utilizada durante muitos séculos: Euclides considerava postulado como sendo uma proposição de caráter fundamental para um sistema dedutivo que não é, como o axioma, evidente em si e por si mesma e não pode, como o teorema, ser objeto de demonstração.

Para W. Brügger,^{17[17]}

... Aristóteles e Tomás de Aquino entendem por postulado (petitio) uma proposição não imediatamente inteligível, a qual nós, renunciando a demonstrá-la, admitimos provisoriamente numa discussão científica, pressupondo, no entanto, que ela é demonstrada alhures; o postulado distingue-se da pressuposição (suppositio) porque esta, na disputa, é admitida como verdadeira por ambas as partes, ao passo que no caso do postulado, um dos adversários se abstém de decidir sobre a verdade da proposição. Para esse mesmo autor, na filosofia moderna entende-se geralmente por postulado uma proposição não imediatamente exigível nem demonstrável, mas que, não obstante, se admite como indispensável. Assim, Kant fala, especialmente, de postulados da razão prática; tal postulado é uma proposição teórica, mas, como tal, não demonstrável enquanto depende inseparavelmente de uma lei prática incondicionalmente válida a priori, isto é, postulado é uma proposição que deve ser admitida, se é que a lei moral e seu cumprimento não aparecem como algo destituído de sentido. São postulados, nesta acepção, segundo Kant, a liberdade de vontade, a imortalidade da alma e a existência de Deus.

De Vries,^{18[18]} na citação de Brügger, afirma que para a certeza autêntica requer-se a evidência do objeto, a qual não pode ser substituída por postulados ininteligíveis.

^{16[16]} FERRATER MORA, J. *Diccionario de Filosofia de Bolsillo*. Madri:Alianza Ed., 1993.

^{17[17]} BRÜGGER, W. *Diccionario de filosofia*. São Paulo: Herder, 1969.

Em diversas e diferentes abordagens transdisciplinares contemporâneas podemos ver que a idéia da existência do sagrado é, por muitos, adotada ora como postulado, ora como premissa.

A contribuição dos diferentes pressupostos transdisciplinares põe em evidência que, enquanto para uns, a transdisciplinaridade está fundamentada em quatro postulados, para outros, o quarto postulado (existência do Sagrado) nem é aceito, nem refutado, nem levado em conta, mas tão somente ignorado.

Cabe, por agora, uma breve reflexão sobre os referidos postulados. *Tudo é complexo* é uma afirmação total, que exclui a *simplicidade* como referencial a partir do qual ela se torne relativa ou dependente. Da mesma forma, ao *afirmar a existência de vários níveis de realidade*, o significado desse postulado não necessita de referenciais, nem de verificação, nem de demonstração e é excluído, por si mesmo, de qualquer relatividade. Mas a idéia do *outro*, *indefinido*, *ilimitado*, *excluído* ou *incluído*, presente em tudo, qualquer que seja a extensão em que está contido, é sempre *relativa* ao que é *definido*. E, finalmente, a existência do *Sagrado implica* na existência do *profano*, do que *não é sagrado*, ou seja, na *expressão de relatividade em que está conexa a idéia do oposto*.

Afirmar que *tudo é complexo* implica reconhecer que não ocorrem fenômenos que não sejam complexos.

Dizer que há *vários níveis de realidade* implica reconhecer a *impossibilidade de inexistência de níveis de realidade*.

O significado da *existência do outro* - quer como adjetivo ou pronome indefinido - implica na existência de *seres determinados*, sejam designados por nomes ou pronomes tais como os gramaticalmente definidos no caso reto (eu, ela, você, nós, vós, eles).

Da mesma forma, a afirmação de que *existe o Sagrado*, como adjetivo referenciado a determinados seres, implica em reconhecer a existência de *seres que não são sagrados* e que aos quais não serve essa adjetivação.

Esses quatro *postulados são formas de pensar* de cuja aceitação depende, física e psiquicamente, o *estímulo inicial para obtenção de respostas na abordagem transdisciplinar* do que segue.

Pela oportunidade, somos levados a reiterar algumas de nossas crenças atuais^{19[19]}.

Acreditamos que a *propagação do pensamento ocorre por meio de ondas elétricas*.

^{18[18]} DE VRIES, Hugo. (1848-1935), botânico holandês, que por seus trabalhos em genética teve grande influência no desenvolvimento e na aplicação do conceito da *mutação genética* como uma agente na evolução dos seres vivos.

^{19[19]} Atuais porque em acreditando que o universo é dinâmico, por implicação, devemos entender a verdade que correspondente ao que é dinâmico também dinâmica, ou seja, sujeita às mesmas alterações do Universo. Assim, na medida em que as crenças se referem ao que supomos verdades, elas são articuladas respondendo a formas de pensar também mutáveis e sujeitas às forças que as podem alterar.

Acreditamos que a *propagação de ondas elétricas gera campos elétricos e campos eletromagnéticos*.

Daí, nos parece implícito reconhecer que *todo pensamento está sujeito aos limites dos campos eletromagnéticos em que ocorre ou se manifesta*.

Por outro lado, intuímos que *os limites dos campos eletromagnéticos são definidos pela tensão superficial em que estão contidos*, ou seja, pelas ondas eletromagnéticas que se enredam, formando uma teia eletromagnética em seus contornos.

8 – Os estímulos abordados por integração metodológica

Parece-nos que os valores têm correspondência na integração metodológica: autoritarismo, racionalismo, empirismo, pragmatismo, misticismo, ceticismo, amorosidade e intuicionismo induzem ao reconhecimento de posições relativas, hierarquizadas mentalmente, pelo ser pensante..

Há estímulos concretos e estímulos abstratos. Existem estímulos que provocam respostas no corpo (*physis*), na alma (*psyché*), na mente (*mens*) e, acredito, também possam provocá-las no que designamos espírito (*spiritus*).

O que entendemos por corpo, mente, alma e espírito será objeto de um capítulo especial, de tal forma que possamos trabalhar com idéias reconhecíveis e que, adotadas como conceitos básicos, sirvam a uma *postura transdisciplinar coerente, compatível e não contraditória* em nenhum de seus termos e momentos, como também não, no que *poderemos supor* como *nível de realidade cósmica*, onde os fenômenos ocorrem *entre ordens de grandeza infinitamente grandes e infinitamente pequenas*. Em nível de realidade cósmica o ser humano se propõe utilizar, quanto ao objeto do saber, tanto a astronomia como as nanociências.

O procedimento conceitual que nos leva a supor que *a relação estímulo-resposta está implicada na idéia de vida* não é nem necessário nem suficiente para delimitar os fenômenos biológicos: também os fenômenos químicos e físicos respondem positivamente à relação estímulo-resposta, na medida em que são percebidos mediante recurso a uma outra forma de pensar, qual seja a relação causa-efeito.

Pode-se observar que as relações *estímulo-resposta* e *causa-efeito* têm conexão e analogia com outras formas de pensar, tais como *antecedente-conseqüente*, *anterior-posterior*, *superior-inferior*, *central e excêntrico*, *primeiro-último*. etc.

Portanto, visando adotar uma atitude que transcenda as informações uni, multi ou pluridisciplinares, ocorre-nos ser imperativo procurar entender qual o significado da relação estímulo-resposta, bem como as implicações contidas nos significados das demais relações acima enumeradas, visando em que elas transcendem os limites dos campos das disciplinas em que são aplicadas.

Ou seja, torna-se imperativo questionar se as relações causa-efeito transcendem os campos da estética e da ética, da sociologia e da antropologia, da física newtoniana e da física quântica. Em procedimento análogo, cada uma dessas formas de pensar pode ser questionada em relação à transcendência sobre os campos de conhecimento e os níveis de realidade em que são utilizadas.

Em verdade, na mesma medida em que parece consensual que tudo é relativo a noção de *causa e efeito* não acompanha, necessariamente, a idéia de relatividade. Há pensadores que entendem que os fenômenos devem ser entendidos na *unidade* em que podem ser identificados, ou seja, pela *unidade* entre o sujeito, o objeto e o todo em que são entendidos.

Como exemplo, temos Husserl, para quem a ciência se caracteriza por ter centro de referenciais voltado à noção de unidade, pois *é na medida em que existe uma unidade entre o ato de conhecer e o seu correlato (aquilo que é conhecido) que se pode falar de ciência. Esta última seria então um conjunto de conexões objetivas e ideais.*

Nós entendemos, todavia, que ao invés de *unidade do fenômeno a partir dos elementos que o integram* seja mais apropriado fazer referência à *simultaneidade de seus elementos*. A idéia de *unidade do fenômeno* parece fundamentar-se na *unificação dos elementos* no nível de realidade atemporal, ou seja, desligado da idéia do *espaço-tempo*, enquanto a *simultaneidade* decorre da idéia fragmentada por elementos que ocorrem em uma mesma estrutura fenomenológica, têm existência como fragmentos no *mesmo espaço-tempo*, ou seja, são simultâneos, mas não unificados.

Conseqüentemente, nos distanciamos da teoria fenomenológica. A fenomenologia entende que as *conexões objetivas são unificadas e ocorrem em apenas dois níveis*, a saber, o primeiro, *das coisas que são visadas pela ação de pensar e em que sucedem os pensamentos* e o segundo, *o das verdades*.

Nossa crença está firmada em que as conexões objetivas ocorrem *simultaneamente*, mas não unificadas, em vários e diferentes *níveis de realidade*. O que nos leva a crer que os diferentes *estados de consciência* podem ocorrer simultaneamente em vários níveis de realidade, sem que, por isso, devam necessariamente ser considerados unificados.

Simultaneidade de fragmentos diz respeito à relação espaço-tempo, enquanto que *unidade* diz respeito à essência atemporal que integra o fenômeno.

Nas ciências experimentais, entende-se que os fenômenos físicos e químicos não são da mesma natureza que os fenômenos que caracterizam os sistemas vivos, embora estejam sujeitos a relações de causa e efeito tanto como de antecedente e conseqüente.

Sabemos que há fenômenos psíquicos, biológicos, físicos e químicos que ocorrem nos limites exteriores e na essencialidade. Há fenômenos químicos e físicos que ocorrem na essência dos seres inanimados sem que possam ser observados nos limites exteriores. Outros há que só ocorrem nos limites externos (como os superficiais), ou seja, nos contornos de seus *campos de existência fragmentada*, como fatos decorrentes da essência e natureza dos seres, excluindo os fenômenos psíquicos e biológicos. Há, ainda, fenômenos que só ocorrem na essencialidade dos seres vivos, determinada pelos limites internos e externos em que o fenômeno *vida* é reconhecível.

Nesta introdução interessa reconhecer os marcos que nos ditem os *caminhos possíveis* para o aproveitamento da *postura transdisciplinar* visando, não só a abordagem dos campos do conhecimento genérico, mas, mais especialmente, a *axiologia* como *campo de conhecimento em que são estudadas as teorias de valor*.

Estimulado pelo espírito de aventura e desbravamento intelectual entendemos, de início, à luz da metodologia transdisciplinar por nós eleita ser essencial esquematizar o arcabouço do conhecimento que pretendemos.

Visando saber em que *grau de complexidade*, em qual *nível de realidade* e em que relações com o *outro*, aqui incluído o *Sagrado*, torna-se imperativo procurar entender os significados contidos nas expressões estímulo-resposta, causa-efeito, antecedente-conseqüente, anterior-posterior, central-periférico, superior-inferior, primeiro-último e cêntrico-excêntrico.

Em verdade, em *nível de realidade pragmática*, importa formular conceitos tão claros quanto for possível, para que sejam melhor aproveitados por outros como *formas de pensar aptas para a abordagem dos fenômenos estudados na axiologia*.

Pode-se procurar entender o significado que se quer emprestar a expressão “*nível de realidade*” aproximando-nos dos estudos de fenomenologia desenvolvidos e propostos por Husserl, de quem Merleau Ponty foi um digno continuador.

Saliente-se que *nível de realidade* e *estado de consciência* são conceitos *interligados e interdependentes*.

Para entender o significado contido na idéia de *consciência* torna-se oportuno lembrar que para o filósofo alemão *a consciência é sempre a consciência de alguma coisa* e que, com esse significado, ela supera tanto a si mesma como a própria coisa. Ou seja, as essências (*noemas*) são reconhecidas pelos atos intencionais (*noésis*) ditados pelo *estado de consciência*. Destarte, para Husserl, o objeto da fenomenologia inclui

... a descrição da estrutura peculiar de cada um desses atos e de cada um de seus correlatos ou significações. Percepção-percebido, imaginação-imaginado, recordação-recordado, ideação-ideado, etc., etc. Cada um desses pares constitui uma certa região do Ser, isto é, um certo modo de um ente ser visado pela consciência. Cada região se define, assim,

pela estrutura do ato intencional e pela estrutura do correlato intencional; os pares formam uma estrutura unitária. Esta estrutura unitária pode ser reconhecida como a unidade imanente, que existe entre os dois momentos identificados no ato de visar e na essência ou significado visado. Essa unidade existe entre o ato de visar e a essência visada permite falar de uma região em que existe a natureza física, numa região de objetos matemáticos, em uma região de valores morais etc. Daí porque a fenomenologia pode ser reconhecida como uma ontologia regional na medida em que trata do Ser (Ón) enquanto estruturado com sentido diferente conforme seja visado pela consciência.

Com grande esforço pessoal conseguimos distinguir oito métodos fundamentais para as abordagens transdisciplinares. Em condensado trabalho, tornamos acessível aos interessados, por meio da Internet, o texto *Metodologia e transdisciplinaridade*, (no item publicações, do site www.gustavokorte.com.br). Ali reproduzimos os oito métodos que nos parecem disponíveis ao entendimento humano, visando a abordagem do conhecimento. São, por natureza, transcendentais às mais diversas disciplinas e aos níveis de realidade em que elas podem ser abordadas.

9 - O pragmatismo metodológico.

Somos levados a crer que o estímulo que nos move em direção à resposta pretendida, impelindo-nos ao estudo da axiologia, traz dentro de si um significado de *utilidade* como resposta a uma *causa futura, distante no tempo, teleológica*, e não a uma *causa originária, deontológica*.

Não excluimos a possibilidade de que, durante o processo de abordagem, o que nos parece por ora uma *relação pragmática* contida no significado de *estímulo-resposta* seja revelado tão somente o *impulso presente*, inato, próprio de nossa natureza humana, que designamos *curiosidade*, consequência efetiva do ato de pensar.

Ao reconhecer a *utilidade* do processo cognitivo como *resposta a algum estímulo intelectual* poderemos dizer que, embora estejamos agindo pragmaticamente, nem por isso perdemos a característica racional pela qual essa motivação é produzida.

Por esta via, seremos levados a reconhecer nas formas de pensar geradas na *utilidade*, uma *estrutura essencialmente abstrata*, cujo valor, quando aplicada em diversos *níveis de realidade*, mostrar-se-á pequeno ou grande, significativo ou não, e será fixado em função do aproveitamento proporcional à *causa futura* que o projetou no mundo sensível.

Em palavras mais simples, o resultado prático de um fenômeno será medido e valorizado em relação à vontade humana que o gerou. resultado bom é o que correspondeu á vontade- que não precisa ser boa. Dizer que o resultado foi ruim significa que a vontade não foi atendida.

O *valor em si* do fenômeno, ainda que não dependa da vontade humana, será traduzido, pelo ser humano, como se dela dependente. Estaremos, dessa maneira, respondendo a uma intencionalidade pragmática que serve,

primariamente, como estímulo presente a nos direcionar para o primeiro degrau nos caminhos do conhecimento.

Quando agimos pragmaticamente somos norteados pela busca de respostas à pergunta: - *a que poderão servir esses estudos? O que ganharemos em dinheiro ou conhecimento? Quais valores intelectuais, morais e materiais será possível alcançar como consequência deste esforço?*

Daí porque entendemos que, visando a axiologia como *campo de estudos* em que os *valores* são teorizados, entendemos ser essencial o encontro de uma linguagem reveladora da postura transdisciplinar adotada durante a abordagem.

Acreditando que cada *nível de realidade* ou, como diria Husserl, cada *região do conhecimento* comporta a significação (ou essência) do objeto pela modalidade da relação ato - correlato intencional, torna-se inequívoco reconhecer *que cada nível de realidade é também uma região eidética* (do grego eidós, idéia ou essência), ou seja, um *campo de combinação de idéias cuja comunicação só se torna possível por uma linguagem*.

Esse entendimento nos força, pois, reconhecer a imperatividade de uma linguagem comum para que possamos comunicar a outrem nossos avanços pelos diferentes *níveis de realidade*.

A metodologia transdisciplinar, a nosso ver, indica os passos mais seguros e a trajetória menos difícil nesse processo.

Estritamente apoiados em postulados, restaremos como nuvens a bailar nos céus do imaginário. À mente humana tornam-se indispensáveis os métodos. Não sabemos progredir sem referenciais. Só mediante a adoção de marcos e indicadores do percurso é que nos propomos *tentar* desvendar e identificar estruturas, sistemas e organismos. Só eles nos permitam percorrer os campos da axiologia com coerência, disciplina e vontade férrea, Cumprir esse percurso, de forma adequada, só nos parece possível pela metodologia complexa e integrada a que nos referenciamos. À falta de outra, é a opção que, por ora, se oferece.

Destarte, num primeiro momento, ousamos afirmar que o *conhecimento da axiologia a partir de uma postura transdisciplinar exige a fixação de alguns conceitos objetivos que nos possibilitem uma comunicação intelegível*. A partir dessa afirmação, somos levados a entender o que Nietzsche quis significar com *transvaloração dos valores*.

O que pode ser obtido por meio da axiologia deverá exceder a transvaloração e servir, de forma genérica e transcendental, aos demais campos do conhecimento.

10 -Formas de pensar

É lícito supor que há alguma *razão comum* entre as expressões *estímulo-resposta*, *causa-efeito*, *antecedente-conseqüente*, *anterior-posterior*, *superior-inferior*, *central-excêntrico*, e *primeiro-último*. Daí que somos levados a buscar semelhanças e diferenças entre essas expressões, pois a partir delas, poder-se-á, desde então, intuir a formação de *idéias de valor* que acompanham o processo *de categorização e conceituação dos fenômenos axiológicos*.

Talvez, por tais caminhos, consigamos tornar *racionalmente* dedutíveis as justificativas pelas quais, aparentemente, as relações causa-efeito, estímulo-resposta, antecedente-conseqüente, anterior-posterior, central-periférico, superior-inferior, primeiro-último e cêntrico-excêntrico *possam ser consideradas como não sendo da mesma natureza*.

Admitimos que, dentro de certos limites, o ser humano tem a faculdade do arbítrio, ou seja, pode emitir juízos e em razão deles formular seus desejos, suas vontades e suas opções. Visando responder a essa faculdade com sabedoria, baseando as escolhas em nossas crenças, experiências, razão, amor, na intuição, na dúvida, na utilidade e na autoridade do que supomos conhecimentos trazidos por outrem, o estudo das teorias^{20[20]} dos valores nos leva a admitir que se nos for dado apreender a *relação valorativa*, teremos, de fato, estabelecido *o eixo em torno do qual são fixados os referenciais geradores do comportamento dos seres humanos*.

Ora, a eficácia dessas crenças durante o processo de conhecimento há de ter em vista que *as essências e significados que regem a compreensão dos níveis de realidade têm correspondência com a natureza do objeto* que reconhecemos como estando situados nessas regiões do conhecimento.

Assim, as *essências* dos fenômenos são *concretas* (materiais) quando estudamos os fatos empíricos. Elas são *abstratas* (imateriais) quando estudamos os fenômenos meramente lógicos (racionais). Os objetos *místicos* poderão ser tanto materiais como imateriais, também assim os pragmáticos, os amorosos, os intuitivos. As ações místicas, amorosas, intuitivas e céticas poderão de ser simultaneamente materiais (*atos e fatos*) e imateriais (*abstratos*), quando resultantes de processos que ocorrem estritamente no âmbito dos correlatos intencionais e em *distintos níveis de realidade mental*.

Destarte, somos levados a crer que a presença das idéias, das formas de pensar e dos processos de comunicação em que são processados os pensamentos gera fenômenos eletromagnéticos, cujos estudos induzirão a interferência em várias outros *campos de existência*, de diversas naturezas. A experiência nos sugere que nesses distintos *campos de existência* ocorrem as diferentes categorias de fenômenos e em distintos níveis de realidade.

^{20[20]} Teoria: entenda-se como corrente constituída por formas de pensar de formas em que se deposita a crença de que são válidas porque que parecem verdadeiras em face de serem compatíveis, conexas e convergentes,

Esse é, para nós, um dos significados contidos nas expressões *poder do pensamento, poder da palavra, poder da imagem* como potências geradoras de *campos de existência*.

Para avançar nos *campos do conhecimento* entendemos que necessitamos de mais do que as supostas verdades empíricas em que as ciências têm fundamento. Nas ciências empíricas a atuação do pensador ocorre por construção ou constatação, enquanto nas ciências teóricas, as leis (razões) lógicas gerais, pelas quais os pensamentos se deixam governar, devem pressupor várias esferas (níveis de realidade). Nessas esferas, devemos identificar e delinear as condições *a priori* em virtude das quais podem ser reconhecidos os contornos e limites das *possibilidades de existência e utilização* de objetos e métodos.

Nesta fase preliminar da abordagem parece-nos óbvio que a *axiologia*, como campo de conhecimentos em que são amplamente estudadas as *teorias de valores*, apresenta-se como uma *região de conhecimento* cujo *nível de realidades abstratas* é considerado próprio e propício para o desenvolvimento destas reflexões.

Aportando uma postura transdisciplinar, tentaremos metodizar nossas intromissões pelas *teorias dos valores* buscando, de forma crítica e programada, a identificação transdisciplinar das *formas de pensar* pelas quais poderemos entender as *condições geradoras do valor dos fenômenos, idéias e procedimentos*. .

11 - Formas de pensar contidas na expressão *causa e efeito*

Uma focalização mais direta dessas relações preliminares nos permitirá reconhecer algumas diferenças e certas semelhanças que possam identificar as a natureza e as categorias pelas quais possam ser reconhecidas e particularizadas. Assim, vejamos.

As relações entre causa e efeito, ainda que possam ser constatadas em função da *duração e do período* em que ocorrem, não são *teoricamente* subordinadas essencialmente à idéia da *cronologia* em que dimensionamos os fatos históricos.

Assim, quando enunciamos uma lei que expresse determinada relação causa-efeito, essa regra não pode ser dependente do calendário histórico em que ocorre o fenômeno, eis que este não faz parte das condições necessárias e suficientes para que seja verificada a relação.

O enunciado da relação causa-efeito deve ser atemporal, a menos que período e duração integrem o contexto de necessidade e suficiência prefixados.

Por outro lado, se adotarmos como essencial para o conhecimento da relação causa-efeito as condições de cronologia, duração e período, estaremos obstaculizando de forma definitiva a possibilidade de comprovação do enunciado em face da impossibilidade experimental de retroceder no tempo cronológico.

Portanto, nos parece óbvio, entender e comunicar o que designamos por relação causa-efeito implica em reconhecer sua validade fora da noção de tempo cronológico, condição fática que, de algum modo, equivale a afirmar que o enunciado das relações causa-efeito deve ter caráter absoluto e atemporal.

Por isso dizemos que *a lei que expressa a relação entre o que supomos ser o fenômeno definido por causa e seu efeito tem caráter genérico e não pode ser relativa a outras condicionantes*. Ou seja, a expressão causa-efeito deve reconhecer de que o fenômeno ocorre em face de ter sido gerado por certa causa e que essa causa gera o mesmo efeito *em qualquer momento, lugar, posição ou data do calendário, se e enquanto* momento, lugar, posição e data não participem das condições causais.

Ao expressar as condições determinantes da relação causa-efeito, não podemos limitar a idéia de causa àquilo que ocorre antes, ou seja, cuja existência é verificada antes do efeito, mas também nos reportamos ao que pode ser a causa final, teleológica, ou seja, a *razão final* determinante do fenômeno. Assim, no pragmatismo, reconhecemos desde logo a causa final na *utilidade* do procedimento. E a utilidade é a *causa futura*, antecedente, anterior, ainda não materializada ou ainda inexistente como realidade fática, a partir da qual é gerada, idealizada ou *acionada a vontade* que provoca o efeito visando a *utilidade* de seu aproveitamento pelo ser humano.

Em face das minhas crenças (atuais), compreender e enunciar os fenômenos pela relação entre o conjunto de causas necessárias e suficientes mediante a utilização de formas de pensar corresponde a delimitar e definir o campo elétrico magnético em que essas formas de pensar estão contidas, caracterizando os contornos aproximados em que esse campo pode ser reconhecido e procurando apurar, a partir dessa identificação, o seu potencial de interferência, equilíbrio e sensibilidade em relação a outros campos eletromagnéticos.

Destarte, quando mencionamos a relação *causa-efeito* estamos atribuindo um *nível de valor atemporal* ao que designamos *causa* correspondente *àquele valor que supomos contido no efeito* por ela gerado.

Em continuidade a este texto, serão futuramente inseridos, considerações mais específicas, referentes aos significados contidos nas expressões *estímulo e resposta, antecedente e conseqüente, anterior e posterior, central e periférico, superior-inferior, cêntrico e excêntrico, sagrado e profano etc.*

